CELESTINO GOMES

A FISIONOMIA da MORTE

biblRIA

AVEIRO 1932

Para o Dr. Jorge Domingues
com muita admiração e
boa amizade do

Celestino

bibRIA

bibRIA

Tipografia ALVES CAGO — Vendas Novas

DR. JOÃO CARLOS CELESTINO GOMES

a fisionomia da morte

bibRIA

Conferência proferida na Sala nobre da Companhia Portuguesa Editora L.da, do Porto, na noite de 10-4-931.
Capa desenhada por Cândido Craveiro

Companhia Portuguesa Editora, L.da
PORTO - MCMXXXII

DO AUTOR

Sóror Leonor — *teatro* — 1920 (esg.)
A Esquecida — *novela* — 1921 (fora do mercado)
Mal-me-quer — *versos* — 1921 (esg.)
Maria das Dôres — *novela* — 1922 (esg.)
Como naufragou o Centauro — *novela* — 1924 (esg.)
» » » » *2.ª edição, ilust.* 1924 (esg.)
Luar de Lágrimas — *contos* — 1924
Sôbre o Atavismo — *estudo* — 1924
Baladas para um certo olhar — *versos* — 1925
Fitas doiradas... ilusões doiradas... *teatro* — 1927
Ó-Ai-San — *poemas* — 1931

A SEGUIR

Iruchi-Ko e outras novelas
Sonho de glória — *versos à Pátria*
Teatro
Fonte dos amores — *crônicas e artigos*

bibRIA

AOS MÉDICOS-ARTISTAS

MESTRES ILUSTRES E BONS AMIGOS:

PROF. DR. A. ROCHA BRITO

PROF. DR. FELICIANO GUIMARÃES

PROF. DR. HENRIQUE DE VILHENA

PROF. DR. MAXIMINO CORREIA

bibRIA

bibRIA

INDA pela nocturna esplanada de Élsenor a cisma de Hamlet anda, em fala-só estudando, à conta do Génio de Shakespeare, o «*to be or not to be*» da eterna obsessão da Morte. Turnus, vendo morrer os seus, clama invocando os Manes: «*¿usque adeone mori miserum est?*» (1) E a voz lusíada, adivinho-bandarra que para morrer de saüdade se foi, de chorosa guitarra, trovar a Al-Kacer-Kebir, soluça em desgarrada de noites lentas, luarentas

...a vida é sonho que foge,
a morte eterno sonhar...

Diante da morte a gente descobre-se, a gente ajoelha, a gente chora. «*En face d'un cadavre*» escreve o douto médico-legista Icard «*l'homme le plus fort, l'esprit le plus positif ne peuvent se défendre d'un certain trouble; la brute, elle-même, interroge, d'un œil inquiet, le cadavre de son petit.* (2)

Em todo-o-mundo existe um fetichismo fúnebre. E a crença popular que tudo embruxa de sortilégios, criou todo o patético que urdiu a obra nevrótica de Poë: são vidros que se quebram, rumores que se produzem, no momento do *trânzito*, como avisos a distância. E' o ar-dos-mortos, despredendo-se do defunto a tolher quem quede à sua beira. E' a convicção de que, quando o assassinado cai de bruços, o criminoso não pode afastar-se até que seja tomado pela Justiça e as mais

(1) P. Virgilius — *ÆNEIS, liber XII.*
(2) Dr. Icard — *Le signe de la mort réelle.*

que já andam nos provérbios, de que «*quem com ferro mata, com ferro morre*» e «*quem morte alheia espera, a sua lhe chega*».

Camilo Flamarion, depois de ter trazido os astros à sua banca de estudo, mundialmente célebre, o médico William James, o médico Conan-Doyle, deixam-se prender na teia das locubrações espiritas. E Rodin, em sua divina loucura, possesso da Beleza, ante o cadáver da Esposa, olhando a soberba escultura que a Morte trabalhara, tem esta lápide de in-memoriam:

«*beau comme l'antique!*

Mas ¿que é a Morte? «*Qu'est-ce, en effet, que la mort, et comment la définir puisque nous ne connaissons point cet autre profond mystère qu'on appele la vie?*» inquire o Dr. Icard e ele próprio responde: «*La mort est la négation de la vie. La philosophie n'a pas d'autre formule à nous donner. La science, elle aussi, est impuissante à définir physiologiquement et la vie et la mort: nous ne connaissons la vie que par ses seules manifestations, et nous regardons, comme ayant cessé de vivre, tout être chez qui ces manifestations ont disparu.*» (3)

E Bouchut, aqui decidido: — «*L'esprit n'envisage jamais la vie et la mort sans les opposer l'une à l'autre. La négation de la première entraîne nécessairement l'affirmation de la seconde.*» (4)

O que dela se sabe é pouco para estabelecer uma segura definição e é muito o que se não sabe para que diante da incógnita venham curvar-se todas as frontes. E aqui se travam os combates dos cientistas sempre em desacordo nos grandes problemas. ¿Quando é que verdadeiramente se está morto? Nem o amolecimento da córnea ocular, nem a falta de respiração e pulsação cardíaca, nem a rigidês, nem mesmo a putrefação são sinais bastantes da morte. «*La mort*» — afirma ainda Icard de acordo com Claude Bernard e o próprio Bouchut — «*n'arrive pas d'un seul coups, la vie s'éteint lentement, graduellement, alors même que la mort est subite, ainsi que nous la qualifions quelquefois. Cet état intermédiaire entre la vie et la mort existe toujours; c'est un état normal, physiologique, par lequel nous passerons, tous en sortant de cette vie. Tout lien peut ne pas être brisé entre nous et celui que nous considérons déjà comme n'étant plus de ce monde. Ne nous*

(3) Ibid. — *ibid.*
(4) E. Bouchut — *Les signes de la mort.*

DIBRIA

pressons pas de ne voir en lui qu'un cadavre, c'est-à-dire une matière inerte et sans conscience».(5)

A chamada morte aparente é, também, um estado tão semelhante à morte rial, havendo tal dificuldade em os distinguir nitidamente que, diz ainda Icard, «*le danger de la mort apparente est possible alors même que la constatation du décès s'acompagne d'un examen médical sérieux*». (6) Dêste estado cataleptiforme, uns passam logo à morte *rial* sem voltarem à vida, outros revivem ainda—*ressuscitam* é a expressão mesmo de alguns médicos notáveis que puderam observar o fenómeno, como o Dr. Stephenson que assistiu «*dans un village à la résurection d'une jeune fille qui, durant trois jours, présenta tous les signes de la mort*»(7) e Josat que faz a observação seguinte: «*Mme de P... présenta pendant quarente heures, tous les signes de la mort réelle, jusqu' à la raideur cadavérique. Plusieurs médecins de Lyon, dont quelques-uns vivent encore, furent appelés pour donner leurs soins et opinèrent pour la mort réelle. Les supplications d'une des sœurs de la prétendue défunte firent retarder les derniers apprêts funéraires. Pendant ce temps, la morte ressuscitait*». (8)

No que todos estão de acordo, não faltando mesmo o depoïmento de alguns enterrados vivos em morte aparente que regressaram à vida e puderam escapar à morte rial, é que nêste estado de morte aparente existe uma hiper-lucidês que permite sentir, compreender tudo quanto à volta do indivíduo se passa, como afirmou Tourdes: «*Rien pourtant ne s'oppose à son réveil complet; quelques observations mêmes tendent*

bibRIA

(5) Dr. Icard—*ob. cit.*
(6) Ibid.—*ibid.*
(7) A. Stéphenson—*Conférence à Nothingham, 9-1-880*
(8) Josat—*De la mort et de ses caractères*

E' ainda curioso o seguinte relato do Dr. Laborde na sua obra «*Le signe automatique de la mort*»: «*Le 10 Août 1859, étant de garde, je fus mandé du dehors pour un homme qui, suivant les termes de l'envoyé, «venait d'être trouvé mort dans un champ des environs». Je fis observer que, puisqu'il s'agissait d'un mort, je n'avais rien à y faire. Cependant, les scrupules d'un devoir à remplir me déterminèrent à me rendre à l'appel qui m'était fait. Je fus introduit dans la boutique d'un épicier, où se trouvaient groupées une douzaine de personnes, dont plusieurs s'efforçaient de* maintenir *sur une chaise le corps d'un individu, qui glissait et retombait obstinément par son propre poids, et avait toutes les apparences d'un cadavre: pâleur de la face, lividité des lèvres, demi-fermeture des yeux avec passivité des paupières, flétrissure commençante, ou tout au moins sécheresse de la cornée, bouche entr'ouverte et chute du maxillaire inférieur, réfrigération de la peau, surtout aux extrémités, lividité des ongles, etc..., tout à l'exterieur et objectivement, annonçait la mort. Le pouls était complètement absent ou, du moins, imperceptible dans toute l'étendue acessible des artères radiales, trachiales,* carotides *et* fémorales. *La main, fortemente appliquée à plat sur la région précordiale, ne percevait pas la moindre mouvement, et, à l'auscultacion, il nous était impossible de saisir le moindre bruit* défini, *pas plus dans la région cardiaque que dans toutes*

à faire croire que la conscience et l'ouïe peuvent se conserver pendant cet état de sommeil.» (9)

Fisicamente, sabemos, o momento da morte é marcado de maneira bem diferente, mais ou menos longo em sofrimento. Mas esta fase de sofrimento físico cessa ainda antes da morte rial, do aniquilamento. Porém se aquela sensibilidade espiritual, consciente, vai além da Morte — aparente ou rial o substantivo é o mesmo — se, por outro lado, a contractilidade muscular e a vitalidade nervosa são um facto, não faltando para nós mais que a continuïdade dinâmica, ¿porque não há-de a fisionomia do morto ser a *despedida plástica* e *extática* do seu último sentir reprodutível?

Diante da Morte, certamente, cada homem há-de ter sua psicologia e sua atitude, sua *consciência*. Daqui, que admiração se a máscara da morte estiver sujeita a êsses factores primordiais, se a fisionomia dos mortos revelar alguma coisa mais do que o adormecimento, a paz!

bibRIA

Factores complementares a modelar na máscara da morte o terror ou a alegria, a serenidade ou a ânsia, são as ideias e os sistemas filosóficos e religiosos os que mais fundamente podem actuar no cérebro do moribundo. A hora do transe é a hora suprema perante a consciência, do pensamento perante o pensamento. E emquanto para as civilisações primitivas *«o phenomeno da morte, typo real do adormecimento é»*, segundo Oliveira Martins, *o objecto em que se concentra*

---

l'étendue de la surface thoracique. L'oreille, longtemps appliquée sur la paroi thoracique antérieure gauche, percevait seulement une espèce de murmure confus et profond, n'ayant d'ailleurs aucun des caractères d'un bruit cardiaque, même anormal. Ce murmure ne se produisait plus ou du moins n'etait plus perçu lorsque nous faisions intervenir le stéthoscope. Convaincu que la morte était bien acomplie chez cet homme, sur lequel nous n'avions, du reste, ancune espèce de renseignement, je donnai le conseil de faire procéder aux constatations légales par M. le Comissaire de police, et j'allais me retirer, lorsqu'il me vint à l'idée d'essayer une saïgnée. Je la pratiquai au lieu d'élection, au bras droit; la piqûre étant largement faite, je vis apparaître quelques gouttes de sang trés noir, poisseux et chaud; *des frictions répétées sur de trajet des veines de l'avant-bras amenèrent la sortie de quelques gouttes encore. Quelle que fût, à mes yeux, la signification de ce fait de trés minime importance en realité, j'y puisait je ne sais quel pressentiment qui me determina à faire transporter le corps dans le service de l'infirmerie, celui de mon regretté maitre, le docteur Léger. J'eus à me louer de cette détermination puisque le malade, je pourrais dire le* cadavre *a été rappelé à la vie.*

(9) Tourdes — *Mort* in *Diccionaire des sciences médicales*, 2.e série, Tom. IX.

toda a energia do medo» (10), o sistema escatológico cresce até ao Egito — escavando «*tanto o mysterio da morte que o corpo das suas invenções a tal respeito é um repositório onde se encontram todas as invenções de todos os povos*» (11) e daí até aos japoneses, supremos espiritualistas que veem na morte a extrema valentia e fazem *hara-kiri* sorrindo, talhando o ventre sem um esgar, na fé de que, diz Lafcádio Hearn, «*si alguna persona es muerta en el instante de hallarse poseida de un gran resentimiento, el espiritu de la persona ejecutada bajo estas condiciones puede fácilmente tomar venganza sobre el matador...*» e «*de que el ultimo deseo o promessa de alguien que muera de tristeza o que se suicide se le supone dotado, generalmente, de un poder sobrenatural.*» (12)

Na Grécia, mãe da serenidade, onde a benignidade climatérica põe faunos pelos bosques e canta ditirâmbos e epitalâmios, o ser e o não-ser, a Criação e a Morte dominaram também de alto todas as filosofias e teogonias. «*Os mortos de Homero*» diz ainda Oliveira Martins, «*teem uma existencia ultra tumular realista*».(13) Para a civilização romana, filha da helénica, a alma do morto ia com o cadáver ainda até à cova: *sub terram reliquam agi mortuorum.* Por fim a vida perde a beleza, envolve-se de cinzento tédio. «*Depois do amor, a morte*» diz o mesmo autor. «*O delirio da morte completa a orgia da vida. A mythologia que deixara a Morte esquecida, acaba afogada n'uma erupção de animismo spiritista.*» (14)

Fig. 1 — Máscara de Frederico-o-Grande

Com os sistemas religiosos propriamente-ditos veem as promessas de além-campa: Kong-Fu-Tseu promete o *Jardim-das-Nove-Nascentes.*

(10) Oliveira Martins — *Systema dos mythos religiosos.*
(11) Ibid. — *ibid.*
(12) Lafcádio Hearn = *Kwaidan* — traduccion de Pablo Inestal. Vêr ainda o antepenúltimo capítulo do seu livro *Out of the east*
(13) Oliveira Martins: *Obra cit.*
(14) Ibid. *ibid.*

Sidi-Mohammed-ben-Abdalah, o Profeta dos *verdadeiros-crentes*, distribui aos bons e aos justos, àqueles «*qu'Allah placera à sa droite... dans des jardins magnifiques, d'une splendeur et d'une immensité qu'ils ne sauraient s'imaginer*» (15) licores deliciosos fabricados com cânfora e repastos que não serão, como os dos maus, «*de l'arbre de Zakkoun, dont les fruits brûlent les lèvres et la gorge et ont le goût de la graine d'aloès. Ils subiront un suplice douloureux*» (16), e não terão a ternura voluptuosa das *huris* no paraïso. Publicanos, fariseus, como os brahamanes, «*couchent sur des épines, croyant arriver au bonheur par la voie de la mort*». (17) Çakia-Muni, o Budha, Saddharma-pundarika (o Lotus-da-Boa-Lei) oferece «*récompense ou punition, après la mort, des bonnes oeuvres ou des crimes accomplis pendant la vie*». (18) E Jesus Cristo, o divino filósofo, diz ainda à Samaritana, por uma tarde quente do país de Samaria na doce Palestina, à beira da cisterna de Jacob: *ei qui bibunt acquam meam non sitiam in aeternum.*

Entrechocam-se os sistemas, as teorias e os dogmas. Hernianos, Priscilianos, Elkesaitas, Carpocracianos, Nicolaïtas, Marcosianos, Helvidianos, Messalianos, Paternianos, Arcônticos, Caïnitas, Apolinaristas, Judaïstas, Essenianos, Pitagóricos, Praxistas, Formalistas, cada um enuncia seus teoremas. Enquanto Sócrates e os estoicos desejam a morte, Epicuro e os seus clamam pela vida. O gimnosofista de Flaubert morre entre chamas, voluntariamente, num acto-de-contricção: "*J'abandonne la sale auberge de mon corps, maçonnée de chair, rougie de sang, couverte d'une peau hideuse . . . et pour ma récompense je vais enfin dormir au plus profond de l'absolut, dans l'Anéantissement*". (19)

E é ainda em Flaubert que a Morte nos atira esta amarga ironia: "*. . . le roi Saul s'est tué! Razias, un juste, s'ete tué! Sainte Pélagie d'Antioche s'est tuée! Domine d'Alep et ses deux filles, trois autres saintes, se sont tuées; et rappelle-toi tous les confesseurs qui couraient au devant des bourreax, par impatience de la mort. Afin d'en jouir plus vite, les vierges de Millet s'étranglaient avec les courdons.*" (20) E emquanto o Eremita estremece de pecadora tentação, ela continua: "—*Je te decouvrirai ce que tu tâchais de* saisir, *à la lueur des flambeaux,* sur la face des morts." (21)

¡A face dos mortos! Como não há-de ela revelar o terror ou o tédio, a serenidade ou o riso, se ela é a projecção plástica da vontade, a imensa força que, diz Gomes Leal, "*não há motor nenhum; nem a luz*

(15) Fathma Zaida: *L'Alkoran!*
(16) Ibid. *ibid.*
(17) Gustavo Flaubert: *La tentation de St. Antoine*
(18) Prosper Castanier: *Le lotus du Gange*
(19) G. Flaubert: *Obra cit*
(20) Ibid. *ibid.*
(21) Ibid. *ibid.*

DIBRIA

solar nem as rugidoras quedas de água; nem o furacão do ar comprimido; nem o gaz e a força espantosa do vapor de água; nem o Pensamento e a própria electricidade do raio que se equiparem com a energia desta grande actividade concentrada" (22)

Mau grado aos positivistas entre os quais o Prof. Dr. Azevedo Neves para quem *"a interpretação romântica da expressão do cadáver apenas tem valor literário e artistico»* (23), o estudo da expressão anatómica da máscara mortuária bem pode conduzir a uma determinada finalidade, já sob o ponto de vista médico-legal, já sob o psicológico.

O ponto de passagem entre a vida e a morte, em que há uma transição da contração vital para a rigidês cadavérica sem fase de resolução muscular intermédia—segundo E. Martin—e que alguns autores poem em dúvida, fixa, pelo menos na grande maioria dos casos, a mímica representativa dos últimos pensamentos *reprodutíveis*, isto é, aquêles que ainda são susceptíveis de impressionar pela vontade a dinâmica facial.

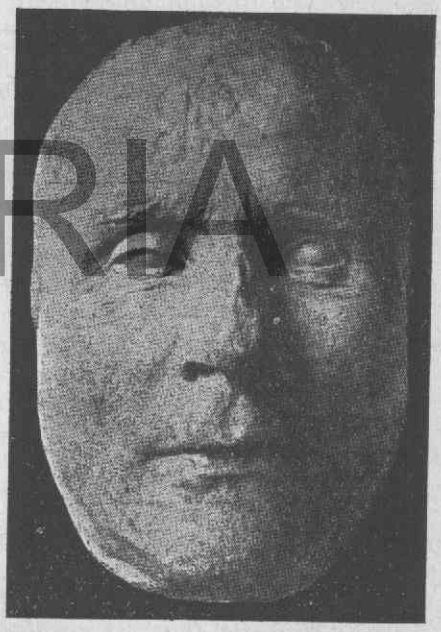


Fig. 2 — Máscara de J. J. Rousseau

Se há casos em que a resolução muscular possa afectar a fisionomia do moribundo, podendo então surgir o chamado *fácies hipocrático*, inexpressivo de calma,—(¡como se não houvesse gente, de sensibilidade latente, que nem deseja nem sonha, de máscara parada!) em muitos casos, diz o Prof. Charles Vibert «*la rigidité cadavérique s'empare du corps à l'instant mme de la mort, en sorte que l'individu conserve la position qu'il avait au moment où il a sucombé, les muscles*

(22) Gomes Leal: *A mulher de luto*
(23) Diário de Noticias n.º 23138

n'ayant pas subi de relâchement, et ayant été immédiatement immobilisés dans la situation qu'ils occupaient pour affecter un mouvement. Le même phénomène se produit sur les muscles de la face, en sorte que le visage conserve l'expression qu'il avait pendant la vie et dénote la gaieté, l'enthousiasme, la terreur, etc. (24)

E o próprio Bouchut, vaidoso e positivista para quem tudo são fantasias de sonhador: «*dans les cas de blessures mortelles au bas ventre la mort, l'agonie se prolonge dans d'intolérables douleurs, le* facies *des morts est crispé, les mains et les avant-bras sont croisés et serrés sur le ventre, le corps plié et couché sur le coté.*»

«*Les hommes frappés au cœur*» — diz o Dr. Armand — «*tombent et restent de la même manière que ceux qui sont frappés à la tête; cependant leur mort, quoique prompte, n'est pas si instantanée qu'elle ne permette une attitude, on pourrait dire active: on a remarqué un zouave frappé en pleine poitrine, couché sur son fusil qu'il tenait dans la position de la charge à la baïonnette; sa face énergique était projectée en avant dans une attitude menaçante.*»

«*Non loin de ce zouave était un fantassin autrichien qui avait eu les vaisseaux cruraux du coté gauche coupés par une balle, il était mort d'hémorrhagie, il baignait dans son sang. Pendant son agonie, quelle qu'ait pu être sa durée, il avait pris l'attitude de la supplication; couché sur le dos, un peu à droite, il avait la face et les yeux tournés vers le ciel, les deux mains jointes, les doigts entrelacés et crispés. Il semblait être mort en faisant une prière.*»

«*M. Perrier fut grandement étonné*», — diz Chenu — «*alors que, parcourant le champ de bataille de l'Alma, le surlendemain de l'action, il aperçut ça et lá bon nombre de cadavres russes qui conservaient une expression de figure et des attitudes offrant encore l'image de la vie. Quelques-uns paraissaient se tordre dans les angoisses de la douleur et du desespoir, mais la plupart avaient l'air empreint de calme et pieuse résignation; quelques autres semblaient avoir la parole sur les lèvres, et sourire au ciel avec une sorte de béatitude exaltée.*

«*Il résulte également de nombreuses observations de M. Baudens, médecin-principal, qu'aprés la bataille d'Inkermann plusieurs figures semblaient sourire, d'autres étaient encore ménaçantes.*»

«*Mais de tous les spectacles, le plus saisissant se trouvait dans la contemplation, le soir à Magenta, des amoncellements de cadavres au bord de longues et profondes tranchées que l'on creusait pour les inhumer; la plupart de ces figures d'hommes exsangues étaient pâles*

(24) Ch. Vibert: *Précis de médicine légale*

LIBRIA

sans doute, mais elles n'étaient pas livides. Il y avait, chez nos français fantassins, cavaliers, chasseurs à pied, artilleurs, zouaves, tant d'énergique expression sur leur mâle figure, tant de vie dans la mort, si l'on peu parler ainsi, q'on eut été tenté de crier à leurs camarades qui creusaient les fosses: «Pas encore, attendez! attendez!...» (25)

Fig. 4—Máscara de Mousinho d'Albuquerque

Mesmo nos casos em que há froixidês ou resolução muscular, acrescenta Vibert, «*comme le relâchement porte inègalement sur les divers muscles ayant entre eux une action antagoniste, le cadavre peut conserver certaines positions qui retracent un mouvement...*» (26) Quando na mão dum cadáver, se encontrou uma arma, por exemplo, «*c'est seulement dans le cas où l'arme a été serrée fortement pendant la vie qu'elle peut quelquefois rester fixée ainsi, la rigidité cadavérique immobilisant les muscles dans la position que leur avait donnée la contraction*» (27).

Se este facto pode assim constituir documento médico-legal, ¿porque não ha-de a mímica fisionómica ser documento bastante? E se não há, naquele caso, resolução muscular prejudicante, ¿porque ha-de havê-la na dinâmica facial? «*La contractilité des divers muscles ne cesse pas immédiatement après la mort*» (28) — diz ainda Vibert. O músculo uterino pode contrair-se e expulsar o feto mesmo depois da morte da mãe; e «*après la mort de l'individu, la vie continue à se manifester pendant un certain temps, non seulement sur les muscles, mais encore sur d'autres tissus. Les cils de l'épithélium vibratile, les spermatozoides peuvent continuer à se mouvoir pendant 48 heures et plus chez certains*

(25) E Bouchut: *ob. cit.*
(26) Ch. Vibert — *ob. cit.*
(27) Ibid. *ibid.* Em última análise a rigidês cadavérica, segundo a teoria de Wunderlich, aceite por Schiffer, Fich e Diblowsky, acompanha-se de fenómenos termo-químicos absolutamente análogos aos da contração muscular.
(28) Ibid. *ibid.*

sujets, notamment chez ceux qui ont succombé rapidement à une mort violente.» (29) Extraordinária hipótese fisio-jurídica, pelo menos em definição, e de possibilidade laboratorial: ¡ o indivíduo, ainda *depois da morte,* pode procriar!

¡¿ Não será esta morte um prefácio da morte que vem depois, *morte rial:* aquela em que a alma, o pensamento, a vontade, potencial produzido e projetado além da *morte visual* como onda hertziana abandonando o centro produtor — como o capitão-de-navios que só abandona o seu barco, morto pela tormenta, não no momento dessa *morte-virtual* em que, no entanto, já nada resta e nada é possível, — mas no instante doloroso e supremo em que tudo sossobra para nunca mais?!

E' preciso ter assistido a êsse momento trágico do pôr-de-sol humano, do passamento de muitos e nas três fazes da vida — infância, juventude, velhice — para estar mais perto desta verdade iniludível.

Deixemos aos cépticos, aos que só conhecem os mortos *depois de mortos,* na sobrecasaca negra dos cortejos-fúnebres ou na bata branca das autópsias, gatos-pingados ou rápa-caveiras, a negação da expressão da morte que ditou a Chateaubriand as suas melhores páginas. «A *máscara dos ultimos momentos»* afirma o dr. Azevedo Neves *desaparece com a morte sem deixar vestigios. Teem passado pelo Instituto, desde que o dirijo, para cima de dez mil falecidos nas mais diversas e variadas circunstancias e raramente se tem notado qualquer expressão»* (30) E' de notar, porém, que a rigidês cadavèrica cessa, segundo Broardel, Vibert, etc. *«après trente-six à quarente-huit heures»,* (31) e é quàsi sempre muito depois deste período que dão entrada nos necrotérios êstes cadáveres que já entraram na inevitável decomposição, começando a froixidês muscular por onde começara a rigidês — pelos mastigadores e músculos faciais em geral.

No que diz respeito à plástica anatómica da fisionomia, não é ainda um só músculo que determina uma dada expressão à máscara, tão-pouco que faz rir ou chorar. A expressão é o somatório de toda a anatomia facial e *«o que se conhece relativo à anatomia mimica das emoções»* diz o Mestre Henrique de Vilhena *«é concludente a afastar a noção de que para uma emoção ha um só músculo facial que a exprime».* Pelo contrário, *«os músculos da face, pelo menos no tipo português»* afirma o mesmo sábio Professor, *«estão quàsi sempre em alguma dependência uns dos outros por inserções comuns, por feixes acessórios e desta forma a sua ação pode tornar-se acessória e complementar».* (32)

---

(29) Ch. Vibert. *ob. cit.*
(30) Diário de Noticias. *n.º cit.*
(31) Ch, Vibert: *ob. cit.*
(32) Henrique de Vilhena: A expressão da cólera na literatura

O papel da *fisiognómica* é hoje extraordinário: ocupa um lugar de realce na ciência e assim o estudo das máscaras mortuárias adquire um grande valor documental. Assim o julga o Prof. Dr. Hans Friedenthal no seu estudo *Das letzte Gesicht* (33) citando entre muitas a máscara mortuária de Frederico o Grande (fig 1) que diz ser impressionante como semelhança com a de Ramsés, vistas de perfil, apezar das diferenças étnicas e como documento da victória do espírito sôbre a matéria; e a do grande poeta alemão Wieland, sulcada de dôr, de rugas de amargura que a morte aprofundou.

O mistério que envolveu a morte do filósofo Jean-Jacques Rousseau, que uns afirmam ter morrido de apoplexia, outros de suïcídio por arma de fogo e sôbre a qual alguns aventam a hipótese de assassinio — isto a despeito dum relatório de autópsia em termos por peritos medico-legistas — rasgou-o brilhantemente o dr. Julien Raspail passando sobre os estudos ilustres de Roussel, de Morin, de Bertelot e Cabanés, baseando-se unicamente «*sur l'étude minutieuse du masque mortuaire de Jean-Jacques*» (34). Esta máscara (fig. 2), imagem fiel, gesso impressionado pelo contacto com o rosto do cadáver — máscaras que sempre são moldadas dentro das vinte e quatro horas que se seguem à morte, reproduzindo até os pormenores mínimos das depressões inter-papilares — «*ne porte aucun des stigmates que la mort imprime souvent aux traits du visage. En le regardant, on croirait être en présence du moulage d'une personne vivante, dont les traits n'auraient pas été imobilisés un seul instant par le travail du mouleur, dont la pensée toujours agissante fait entr'ouvrir les lèvres pour se manifester par la parole à l'auditoire, dont les paupières grandes ouvertes laissent filtrer le clair regard. Si, par exemple, on examine les yeux, on y distingue*

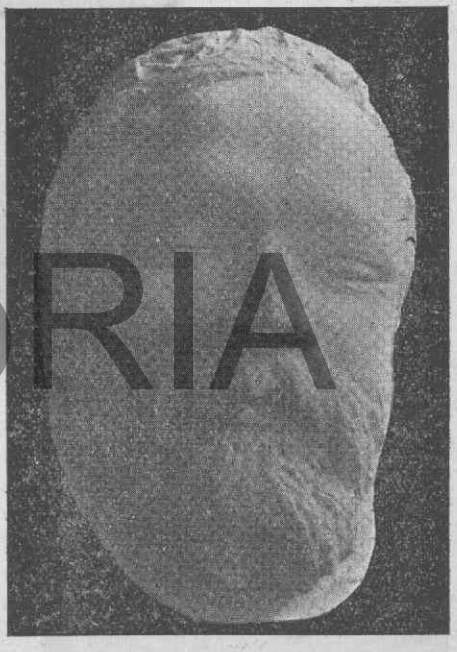


Fig. 6—Máscara de Soares dos Reis

(33) In *Die Woche* de 4-XII-926

(34) Dr. J. Raspail: *Le mystère de la mort de J. J. Rousseau*, in *La grande revue* 10-9-912

parfaitement la saillie naturelle que fait la cornée transparente sur le reste du globe oculaire; ce petit détail contribue à donner une sorte d'intensité au regard. Les lèvres entr'ouvertes laissent presque deviner la langue dans l'intérieur de la bouche:... la mort ne semblait pas avoir imprimé sa griffe fatale sur le masque mortuaire de Rousseau; elle a plutôt répandue sur ses traits un air de sérénité calme et de majesté: on voit que l'infortuné philosophe est débarrassé pour jamais des soucis et des tracas qui l'ont harcelé, sans cesse, pendant sa vie. Son admirable génie, enfin délivré des entraves terrestres, semble rayonner sur son visage». (35)

Fig. 5—Máscara de Sousa Viterbo

biblRIA

Não ficou, porém, por tão perto o longo estudo do dr. Raspail: o gesso, reproductor *exacto* de todos os relevos, de toda a plástica anatómica imobilizada no *flagrante* da morte, revelou-lhe outro-sim «*l'existence d'une large blessure qui rompt l'harmonie du front*» (36). E o escrupuloso estudo médico-legal dêste e doutros ferimentos revelados pela moldagem, levaram-no à conclusão positiva de que o filósofo fôra assassinado por acção de instrumento contundente, sendo «*étourdi par le premier coup porté*» (37); porisso na mímica da sua máscara, em seu sorriso de bondade,

(35) Dr. J. Raspail: *ob. cit.*
(36) Ibid. *ibid.*
(37) Ibid. *ibid.*

Fig. 6—Máscara de João Chagas

dir-se-ia que ignorou a chegada da morte.

O mesmo não diz a máscara voluntariosa de Mousinho, (fig. 3) «*o maior português que no seu tempo deitara Portugal, Nun' A'lvares da agonia* — segundo as palavras de Júlio Dantas — o suïcida da estrada de Bemfica que com um tiro de revolver «*resvalara sôbre o banco dianteiro do coupé, a face chamuscada de pólvora, um fio de sangue vivo a escorrer-lhe da fonte direita*» (38). Os restos de luta que o escritor lhe atribue, não abalaram de todo da sua máscara. As pálpebras mais contraídas do que naturalmente descidas, um sulco doloroso entre as sobrancelhas que levemente acode, os maxilares cerrados e dois sulcos lábio-genianos a trairem a mesma dor resoluta, é a expressão bem do homem forte que fecha os olhos antes de lançar-se ao abismo sem fundo.

Fig. 7 — Máscara de Armando de Basto

Soares dos Reis, o imaginário estupendo do *Desterrado* de quem

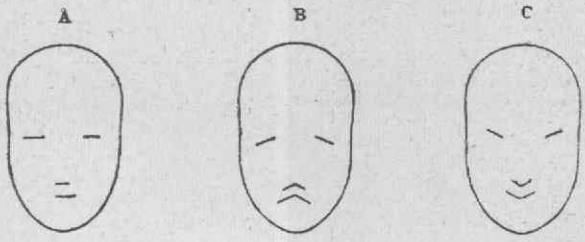


Fig. . . — Schemi dati da DE SUPERVILLE per indicare, in modo sintetico, le modificazioni della faccia nelle diverse espressioni dei sentimenti.

A, nelle espressioni di *calma*; B, nelle espressioni *dolorose*; C, nelle espressioni di *gioia*.

o génio de Vila-Moura conta que «*eterno de emoção, quando esgotou a expressão da pedra, realisou de si próprio a obra das suas obras* — o

(38) Júlio Dantas: *Pátria portugueza*

biblRIA

Suicida!» (39) tem no rosto o sorriso triste de bondade; é ainda o perseguido melancólico-constitucional que sorri, liberto — as comissuras labiais subidas, o arco das sobrancelhas levemente descido para fóra. (fig. 4)

Mas não é êste o caso único dos falecidos por morte violenta: sorriem igualmente as máscaras de Sousa Viterbo (fig. 5) e João Chagas, (fig. 6) ambos mortos de doença. Viterbo, a quem, segundo Victor Ribeiro, *graves lesões do sistema da espinal-medula amarraram à cadeira de paralytico agravando ainda esta lamentável situação a mais atroz, completa e absoluta cegueira*» (40), tem o sorriso do médico que, apesar de cego, *vê* chegar

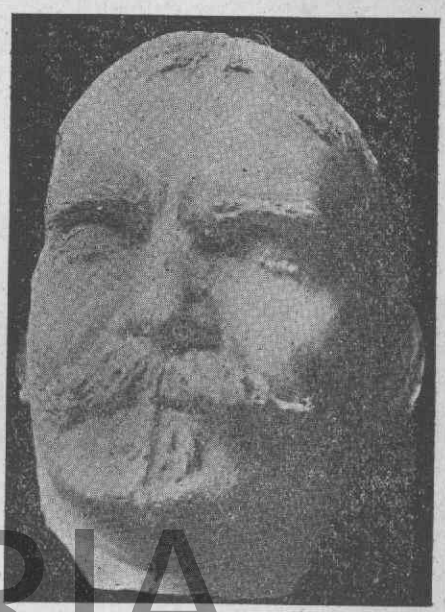


Fig. 9 — Máscara de Sousa Refoios

biblRIA

Fig. 10 — Máscara de Alexandre Herculano

a libertação final, toldem-no embora a dúvida dolorosa do sulco inter-supraciliar. João Chagas, morto de angina-pectoris, ri desdenhosamente, (41) o amargo riso do desdém sofredor, o lábio inferior projec-

(39) Visconde de Vila-Moura: *Grandes de Portugal.*

(40) Victor Ribeiro: *Sousa Viterbo e a sua obra posthuma*, in *Serões.*

(41) Para fugir à possivel auto-sugestão que podesse modificar a interpretação da mímica das máscaras referidas, projectando «*sôbre o que ali está frio e inerte, as mais es-*

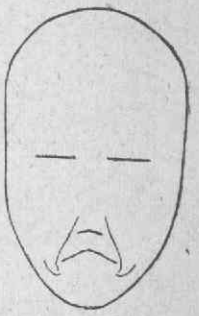


Fig. .... — Schema che dimostra l'azione del muscolo triangolare delle labbra nelle espressioni di *disprezzo* e di *sdegno.*

tado para diante, como a atirar a última ironia de jornalista combativo.

A máscara de Armando de Basto, (fig. 7) interessante pintor e belo espirito da minha geração, trás, em todas as linhas do esquema de Superville (fig. 8) — os supracílios, as azas do naris e a fenda bucal que na expressão de calma são horisontais — inclinadas obliqüamente para fora e para baixo da linha mediana, uma dor que se resigna, recolhida. Ergue-se um pouco, quási até à horisontal, sem contudo a atingir, a sobrancelha esquerda; é de notar, porém, que o Artista uzava constantemente monóculo nesta órbita, factor de influência na elasticidade muscular desta região.

Fig. 11 — Máscara de Beethowen

Fig. 12 — Máscara de G. Junqueiro

Em Sousa Refoios, (fig. 9) Mestre cirurgião que foi ainda operado após a agressão a tiro de que veio a falecer, há o vigor do sábio confiado na ciência, embora os sulcos nazogenianos e a contração dos músculos supraciliares, lhe sulquem a máscara de *sofrimento, dôr física e moral.*

Em Herculano (fig. 10) ha severidade, obstinação e um esgar quási riso de sofrimento, assimétrico, que lhe arrepanha o lado esquerdo da face. Obstinação profunda que também

---

travagantes psicologias» (Dr. Azevedo Neves) seguiu-se passo a passo o *Traité d'anatomie humaine de* Testut e o *Guida al estudo della anatomia artistica* de *Giulio Valenti. Um dos esquemas dêste professor parece mesmo decalcado das linhas da máscara de João Chagas, de tão exacta.*

bibRIA

se lê no assombroso documento mortuário de Beethowen, (fig. 11) o surdo genial cujo *«mundo interior cantava e restrugia»* (42) no dizer de Olavo Bilac.

E Junqueiro descança, resignado, quási triste, (fig. 12) panteista supremo, desejo antigo plangendo nessa balada infantil:

...que a minh'alma durma, tenha paz, descanço
quando a morte... m'a vier buscar. (43)

Não são, porém, estas máscaras revelando as mais variadas atitudes, um acidente, uma excepção entre todas. Basta olhar a energia violenta de Wellington, (fig. 13) a hostilidade desdenhosa de Menzel, (fig. 14) o pavor de Marat, (fig. 15) a amargura de Verlaine, (fig. 16), a ironia de Cuvier, (fig. 17) a altivês de

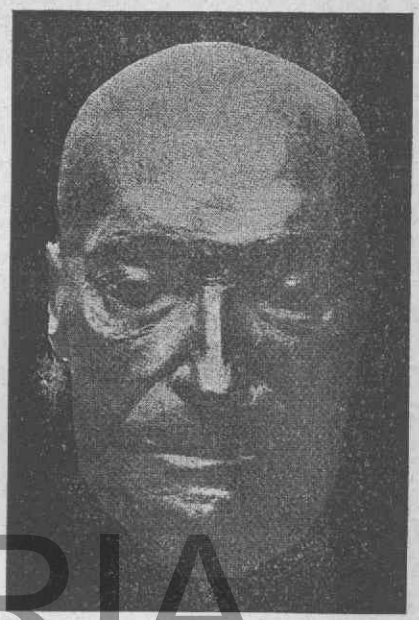


Fig. 13 — Máscara de Welington

biblRIA

Fig. 14 — Máscara de Menzel

Baudelaire, (fig. 18) o sorriso orgulhoso de Napoleão (fig. 19) e o sorriso eterno e misterioso da *afogada do Sena*, (fig. 20) anónima Gioconda da Morte...

Homens de letras, pintores, estatuários, quasi todos se deixaram impressionar pela expressão fisionómica de cadáveres ao conceber alguma de suas obras. Avultam páginas das melhores que teem sido escritas. E não é preciso citar Shakespeare, o possesso da Morte, Chateaubriand e Feijó o poeta da *pálida e loira* cujo *lábio tristissimo*

(42) Olavo Bilac — *Poesias*
(43) G. Junqueiro — *Os Simples*

sorria, e tantos, (44) para que se lhes não apontem vícios românticos, e ignorância scientífica, de palmatória em punho. Nem já o nosso Camilo, a quem o Prof. Egas Monis cataloga de necrófilo e que fez *um exame*

(44) Quási todos os romancistas da guerra frisam o pormenor. Diz Arnold Zweig no seu *«Der streit um den Sergeanten Grisha»*: *«Dr. Lubbersch, das hübsche betrübte Gesicht sehr wenig beunruhigt durch das Vorgegangene... ging auf das zu, was Grischa gewesen, kniete einen Augenblick bei diesem* lächelnden *beiseitegeworfenen Kopfe nieder, der hochst unglücklich auf einer Backe lag, löste die Binde schloss ihm die Augen und sagte:*

«Aus. Gut gestorben. Hippokratisches Lächeln*».*

In diesem Augenblick lebte noch, was in dem langsam verblu-

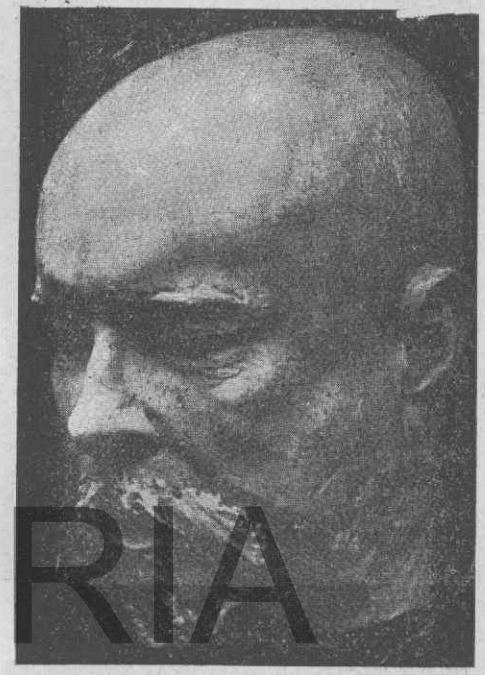
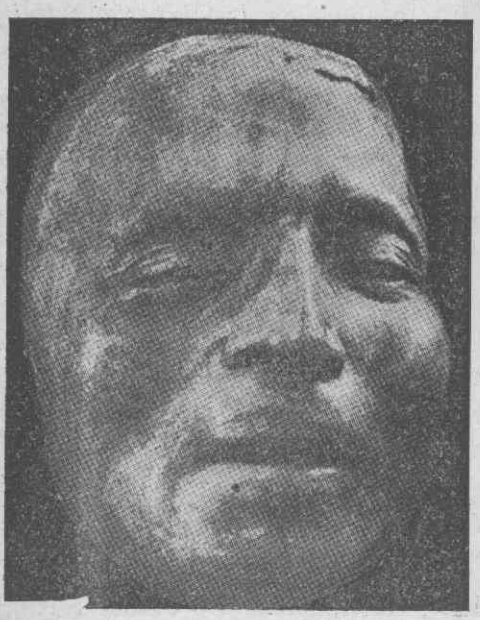


Fig. 15—Máscara de Verlaine.



tenden Gehirn Leben heissen Kounte, aber das merkte niemand, denn der Mensch stirbt viel langsamer als der Menhch gern zugibt.»

E Claude Farrére em *La Bataille*: *«Le cadavre du marquis Yorisaka Sadao avait les yeux grands ouverts. Et ces yeux, vraiment, semblaient regarder encore... regarder droit devant eux, — droit à travers la vie, — regarder dédaigneusement, orgueilleusement, triomphalement...*

Cito ainda uma notícia de jornal sôbre uma afogada de Paço de Arcos: *«...a morta, de cabelos castanhos escuros e pele fina, devia ter vinte anos. Tinha a boca aberta como quem quere gritar e os olhos esgazeados, numa expressão de pavor...»* *Diário de Notícias*, n.º 23674 de 28-XII-31).

Fig. 16—Máscara de Marat

bibRIA

de medicina segundo sua própria confissão (45).

Grande número de médicos tem dado à literatura mundial as suas páginas mais belas, e dentre os portuguêses é avultada a falange dos médicos-literatos — em cuja obra se encontra, a cada passo, a impressão das plásticas mortuárias — avonde para aqui:

Em Fialho, — o Artista máximo — é toda a obra embruxada do sortilégio que se desprende da face quieta dos mortos: a *Ruiva*, dos *Contos*, que ia ao depósito do cemitério espreitar as máscaras dos cadáveres, gozá-las de sua paixão de anómala, e via «*meninas ricas*» que «*iam ali dormindo nos seus caixões de setim, victimas da tisica galopante, olhos vitreos e face cavada, os labios brancos em listras lividas e o gelado sorriso dos mártires clareando em reflexos os rostos*» e «*rapazes pobres*» que «*torciam nos rostos expressões de sofrer infernal*» (46). E ainda às noites, a sós com o Pavor da sua alma, «*via-os surgir, sorrindo, com vida*» (47). O *João*, dos jornais, quando vigia o necrotério com a mesma curiosidade, exclama: «*é um homem, é!*

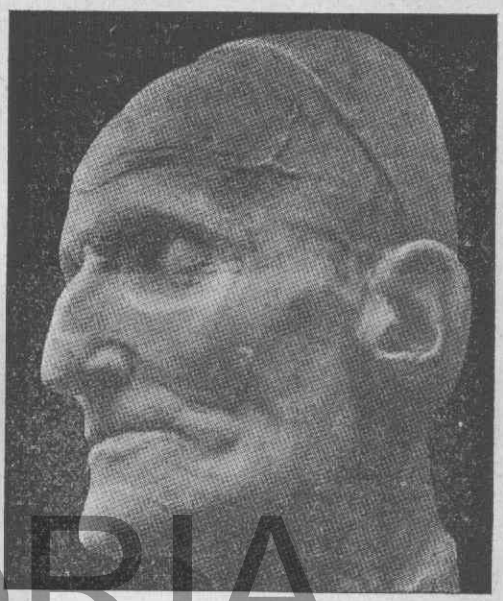


Fig. 17 — Máscara de Cuvier

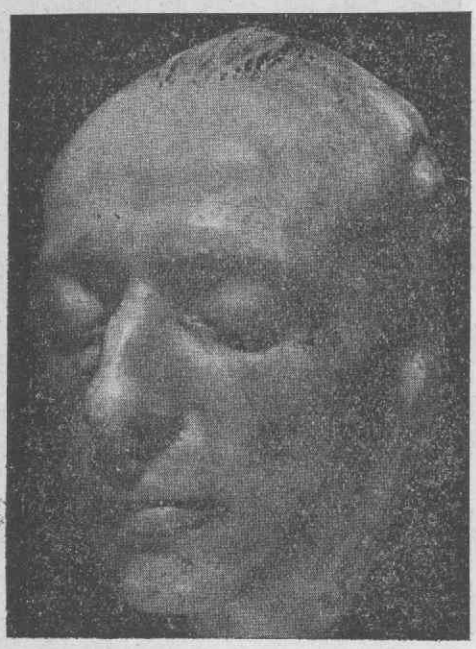


Fig. 18 — Máscara de Baudelaire

(45) Egas Monis: *A vida sexual*
(46) Fialho de Almeida: *Contos*
(47) Ibid. *ibid.*

biblRIA

Dorme coitadinho — e penalizado»; e no cubículo a seguir: «*E' uma velha, notou êle. Olhe, meu senhor, está-se a rir. Cada ôlho!*» (48).

Em Júlio Denis há também muito de tal emoção. Com que ternura devota, na *Morgadinha*, êle ilumina o pequeno «*cadaver da Ermelinda, com aquele sorriso nos labios, como de anjo que já de longe estivesse vendo o desencadear das paixões humanas e rindo de piedade*» (49).

António Patrício afirma que «*há luar na máscara dos mortos, um luar que não bole, que é estranho... E' um sôpro de além. Decanta as formas. E' a dedada final do imaginário... — Depois, apodrecer*» (50) E em *Pedro o Crú*, àcerca de Inês morta: «*quero ir beijar-lhe a mão, vê-la Rainha, — ver êsse olhar que conheceu a Morte...* (51)

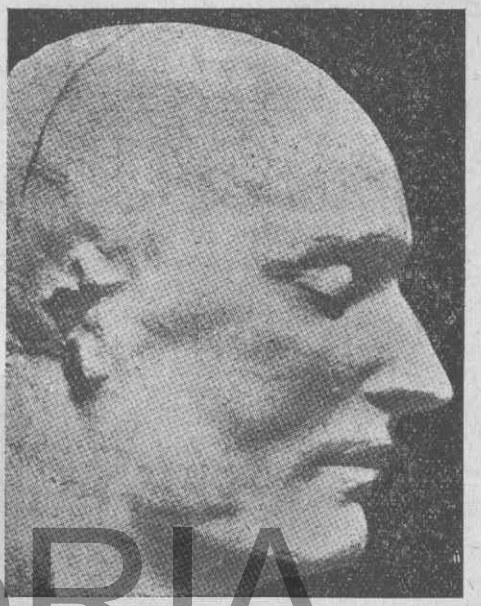


Fig. 19 — Máscara de Napoleão

Em Jaime Cortesão, também médico, avulta igualmente a impressão da fisionomia mortuária; para êle, os cadáveres no teatro-anatómico, «*aquêles cuja cabeça poisava sôbre o cepo parecia que a tinham erguido para contemplar com ar aborrecidissimo o seu próprio descalabro; aos outros pendia-lhe para o lado, ou fora da meza de olhos mortiços e esgazeados e uma expressão horrivel de tedio, de supremo enfastio*». (52) E mais além, ante a máscara do *Exposto* julgado morto e já na meza anatómica: «*Talvez que a expressão de Dor que lhe ensombra a face seja unicamente porque ainda tem deste mundo alguma vaga reminiscencia, e ao compará-la com as visões perfeitas do outro, nasce-lhe essa angustia do contraste que lhe arrepanha a face*» (53); e no *Infante de Sagres*, referindo a paixão de D. Fernando:

(48) F. de Almeida — *ob. cit.*
(49) Julio Denis: *A morgadinha dos Canaviais*
(50) António Patrício: *Diniz e Izabel*
(51) A. Patrício: *Pedro e crú*
(52) Jaime Cortesão: *D'aquem e d'alem morte*
(53) Ibid. *ibid.*

«Morreu d'olhos no Céu; tinha um ar tão risonho,
Como se emfim olhasse, a meio d'algum sonho,
Tudo o que o seu amôr apetecia há tanto.» (54)

Na *Berenice* da *Judeia*, do médico e poeta Samuel Maia:

«... Morto, morto, meu Deus.
Como era bello e nobre! Os seus lábios ainda
parecem-me fallar d'uma ternura infinda
que nem a morte apaga. O seu olhar sorri!...» (55)

Nos *Contos* de Pedro Ivo:

«No rosto rigido do infeliz lia-se que a alma se ausentara, mais attribulada pela incerteza da sorte dos que deixava na terra do que pelo receio do que a aguardava além da campa.» (56)

E de Marcelino Mesquita, nos versos da *morta galante* que andaram na boca de toda-a-gente,

«.....o olhar dum morto,
Fixo, brutal, como que absorto
Olhando-vos sem fim
. . . . . .
E' um olhar que gela!» (57)

Fig. 20— Máscara da afogada do Sena

Também ás formas de arte-plástica, pintura e estatuária, tem a Morte levado influências de sobra. E já relegadas para último plano considerações como as do Prof. Hollander, de Berlim (58) designando,

(53) Jaime Cortezão — *O Infante de Sagres.*
(55) Samuel Maia — *Berenice da Judeia*
(56) Pedro Ivo — *Contos*
(57) Marcelino Mesquita — *A morta galante*
(58) E. Hollander — *A morte na Arte* in *Inf Med. Knoll*

desde Heródoto, o lugar da Morte na história da Arte, cingido já o motivo estrictamente à fisionomia mortuária, ainda aí encontramos a *interpretação romântica*, quiçá devida ao choque emotivo do autor ante a expressão de algum morto.

E não falemos, já, dos *Cristos-mortos*, como êsse extraordinário de Holbein e a amargurada estátua de Pietro Canónica, tocados de patético, imaginária de encomenda e receita, nem dos mártires teatralmente contorcionados de agonia ou degolados e conduzindo nas mãos a própria cabeça compungidamente resignada (como no chamado retábulo do parlamento de Paris, no Louvre) que deram o pão-de-cada-dia a quási todos os santeiros cristãos — pintores e escultores — de todos os tempos.

A máscara que cobria a face das múmias, no Egito, onde êste povo deixou a mais imperecível marca da sua civilisação de requinte,

Fig. 21 — L. Granach: pormenor da *Salomé*

é sempre tocada duma expressão surpreendente de *vida;* no entanto, «*du moment que la statue est le support du double*» diz Maspero, «*la première condition à remplir pour que celui ci puisse s'adapter aisément à son corps de pierre, c'est qu'elle reproduise les proportions et les particularités du corps de chair, La tête est donc un portrait fidèle*» (59)

(59) G. Maspero — L'archeologie egyptienne

Desde essa noite primitiva dos tempos, na longa viagem até nós, topamos nos baixo-relevos da Assíria a amargura dos guerreiros mortos nos combates, e até na Hélade da perfeita serenidade os mortos trazem ainda no rosto a expressão dolorosa do trespasse. (60) Não falo assim já da escultura da idade média, e essa espalhando a mãos-rotas estatuária lapidar onde melhor se provaria a influência da morte; porém quasi sempre encomendadas em vida, reproduzindo a pessoa viva, havia de minguar a intensidade nesse infantil propósito.

Mas eis acode o Renascimento, e os degolados bíblicos surdem retratando, mais do que a serenidade, a observação de Severo Portela: «*nos lábios, pela face, na fronte também, o horror de quem sucumbiu a uma morte afrontosa*» (61). E até os túmulos ganham esta feição ani-

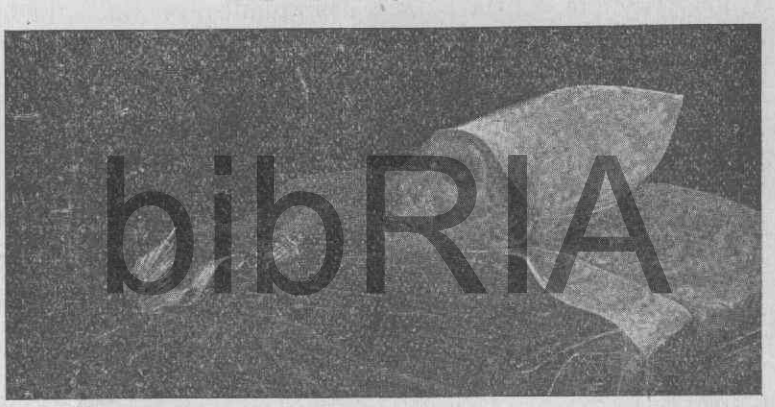


Fig. 22 — Rousseau: *O último Bispo de Aveiro*

mica, como em S. Marcos de Coimbra o do *grande-regedor* que tem na máscara lapidar, *na alta fronte de onde caem finamente sôbre as orelhas as raras madeixas, das sobrancelhas vincadas, do forte e delgado naris, da boca de comissuras finamente descidas... uma expressão de assombro e seriedade, tocada de Morte, consumida e espectral*». (62)

De Miguel-Angelo, diz o dr. Bienvenu que «*lorsqu'il commença*

---

(60) Em ΑΧΑΡΗΣ, de Aristófanes, Diceópolis dirigindo-se a Lamachus e referindo-se à cabeça degolada de Medusa insculpida no centro do seu escudo, diz-lhe:

... ἀντιβολῶσ' ἀπένεγκ' ἐμοῦ τὴν Μορμόνα

que Poyard traduz desta forma: (*Aristophane*, C. Poyard) *Ah! je t'en conjure, éloigne peu cette* épouvantable *gorgone.*

(61) Severo Portela: *O crime de lagarinhos*

(62) Jaime Cortesão: *D'aquem e d'alem morte.*

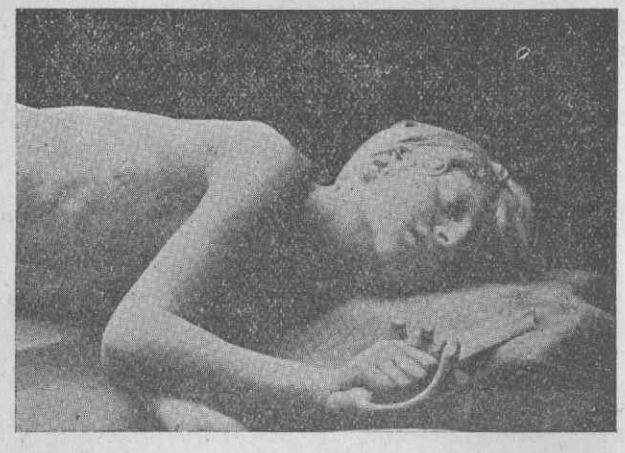


Fig. 23—Peynot: *Pró Patria* (pormenor)

les sculptures de l'église du Saint-Esprit, à Florence, ce ne fut que sous la réserve expresse qu'on lui fournirait, selon ses besoins, le modèle vivant ou mort... et il fut acusé de tous les crimes, même d'avoir mis un homme en croix et de l'y avoir laissé mourir, afin de pouvoir rendre exactement *la mort de Jesus crucifié*». (63)

Assim, na sua *Victória*, a cabeça morta do gigante filisteu aos pés do vencedor, apezar de apenas esboçada, tem uma vida intensa ainda na própria morte, tal como o Golias e o Holofernes de Donatello. Nas mãos do *Perseu* de Benevenuto Cellini, a cabeça degolada da Meduza é viva.

Na *Salomé* (fig.28) de Lucas Granach, o Moço, (seculo XVI) ainda geme, atormentada, a cabeça do Precursor. Dos *dois bispos* de Valdés Leal escreve António Patricio que «*lado a lado estendidos são um em duas fazes*» e «*o que na máscara dum é seco orgulho, desfaz-se em podridão na outra máscara*». (64)

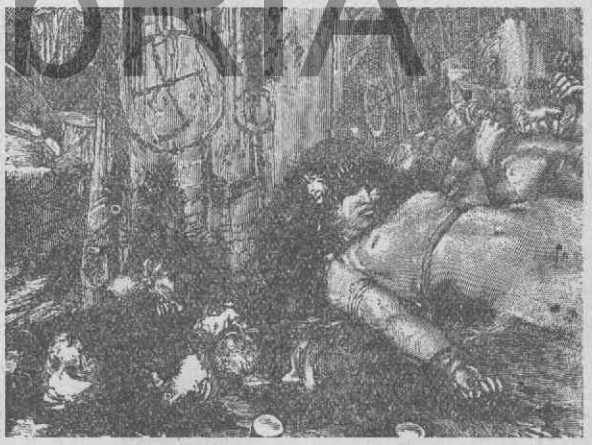


Fig. 24—Rochegrosse: Andrómaca (pormenor)

Depois, toda a pintura e a escultura modernas se deixam também tratar do sortilégio dos mortos. O pintor Rousseau, que no século

(63) Dr. Bienvenu: *La pathologie dans l'art* in *La médicine internationale*
(64) Antonio Patricio: *D. João e a máscara.*

biBRIA

XIX viveu e fez sua escola na fábrica de porcelana da Vista-Alegre, retratou, numa preciosa aguarela inédita, o último bispo de Aveiro no seu leito mortuário; (fig. 23) e a expressão que ficou marcada na máscara do venerando sacerdote não é também a do calmo adormecimento: a contração do músculo triangular do lábio projectando para baixo as comissuras e para diante o lábio inferior, os sulcos inter-supraciliares retratam o *domine non sum dignus* da contrição.

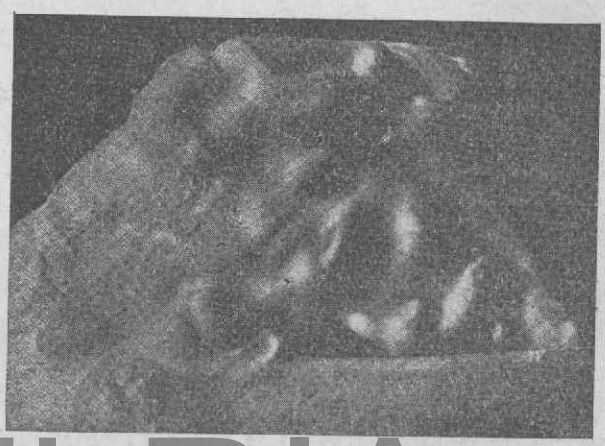


Fig. 25—A. Rodin: Cabeça de S. João

No cemitério de Milão, que é, segundo Justino de Montalvão, o *museu da morte*, está, entre os funerários monumentos, um sepulcro de justa citação aqui: «*sôbre um leito todo em desalinho (como depois das noites de amor ou de agonia) está estendido o corpo dum homem. Não está morto há muito. Adivinha-se sob as pregas do linho encharcado pelo suor da febre a nudés mal esfriada da carne donde ha momentos apenas se esvaiu o calor da vida e o contorno do peito onde o coração há tão pouco cessou de bater. Somente os pés, hirtos, nús, estão já rígidos. As mãos lividas, contraidas na ultima crispação, parecem transparentes sôbre a dobra do lençol. Mas na boca entreaberta paira ainda um sorriso como se fosse*

Fig. 26 — Diogo de Macedo: S. João Baptista

bibRIA

balbuciar no último beijo um nome adorado. E esta aparência de vida faz mais trágica aquela morte...» (64)

Sob tecto do *Luxembourg*, o pequeno heroi de Peynot sorri. (fig. 23) Na *assassination of Marat* de J. J. Weertz, o caudilho morto ainda grita, pendente da banheira, ante o punhal de Charlotte. Numa obra emocionante de H. Rochegrosse, *Andromaque* (fig. 24), há um montão de cabeças convulsas, e um cadáver não decapitado que tem na face e nas mãos enclavilhadas uma atitude lancinante de dôr. No mármore eterno de mestre Francisco dos Santos, a cabeça degolada do Baptista sofre, santamente resignada, (os supracílios descidos para fora da linha mediana) o beijo cruel da filha de Herodíade. A *tête coupée de Saint Jean-Baptiste* (fig. 25) de Rodin, como a de Kafka com o alfange ao lado, como essa do bronze formidável de Diogo de Macedo (fig. 26), todas três sôbre a escudela de prata — *«dans un bassin d'argent... mais oui, dans un bassin d'argent, certainement»* (65) são de igual sorte intensamente dramáticas como a *Meduza* de Camille Claudel e a máscara do mineiro morto pelo grisú de Constantin Meunier. E vai tão longe a estranha obstinação que Oscar Kokoschka se retrata — *«moi même mort»* — (fig. 27) tocado duma expressão de desdém infinito.

bibRIA

¿Quer isto dar por demonstrada a existência de expressão na máscara dos mortos? Se *«à toutes les grandes époques de l'art, d'ailleurs la recherche du vrai a été l'objectif des artistes, et ce n'est qu'à cette condition qu'ils ont atteint les sommets de l'art»* (66), topamos pelo menos, com esta dedução lógica:

Fig. 27 — Kokoschka: *Moi-même mort*

(65) Justino de Montalvão — *Itália coroada de rosas*

(66) Oscar Wilde — *Salomé*. Flaubert, que também trata o episódio no seu belo conto *Hérodias*, diz: *«Une convulsion tirait les coins de la bouche. Du sang, caillé déjà, parsemait la barbe... et Mannaëi, l'ayant remise d'aplomb, la posa devant Aulus, qui en fut reveillé. Par l'ouverture de leurs cils, les prunelles mortes et les prunelles éteintes semblaient se dire quelque chose.»*

Ah! mas Flaubert é um dos tais românticos à espera da palmatória redentora...

(67) Dr. Bienvenu — *Obra cit.*

para todos esses Artistas, homens de belas-letras e homens de belas-artes, a *ideia* de fisionomia mortuária admite e arrasta sempre a convicção da existência duma expressão própria e quási sempre muito diferente da calma.

«*Es wäre völlig verfehlt, zu glauben, dass jeder Tote einen whigen, friedlichen, schlafenden Eindruk mache...*» (68) afirma o Dr. Friedenthal. E Egon Friedell, no prefácio do seu belo livro: *Wer die nachfolgenden Totenmasken aufmerksam ansieht, wird aus ihnen mühelos ganze Biografien und Monografien herauslesen können.*» (69)

A interpretação *romântica* da fisionomia mortuária assenta, pois, sôbre uma verdade incontestável. Na maioria dos casos, o cadáver apresenta uma expressão *além* da serenidade, da calma do sono — se não quisermos deitar à conta de ingénuos ou de ignorantes tantos observadores do fenómeno, alguns de obra apetrechados de conhecimentos scientíficos.

¿Porque se dá isto? Actua a vontade no momento da morte, de molde a imprimir ao rosto a mímica justa do sentimento dominante? ¿«*Sont-ils les premiéres leurs d'une autre existence ou les dernières de celle-ci?*» (70) pergunta Maeterlinck. E o Mestre Henrique de Vilhena: «*¿A morte, o que chamamos com êste nome, acaba-nos, destroi-nos, aniquila-nos? ¿Não é ela apenas o fim, o termo do nosso aspecto ou aparencia actual, e não subsistirão os nossos elementos materiais e espirituais após ela, interminavelmente? ¿E não proveiu já a nossa presente configuração de elementos materiais e espirituais que vieram de tempos incontaveis? Pois se a matéria e o espirito que nos conformam estão entre si como orgão e função—¿os constituintes elementares materiais que se consubstanciam no nosso actual semblante e que não puderam formar-se do nada, e que vivem depois dele em ação e reação com os elementos do meio, e mesmo em transformação permanente, não implicarão no conceito duma perpétua função espiritual?*» (71)

A gente sabe lá! O guilhotinado a quem um professor francês ergueu a cabeça e chamou pelo nome, abriu os olhos mudando o jogo muscular, depois da execução. «*Ainsi l'ont s'est évertué à chercher dans la tete des suppliciés, des signes de vie; on a regardé comme tels les mouvements de l'œil et des lévres observés sur ces victimes, la rougeur du visage de Charlotte Corday insultée par son bourreau*»—diz o próprio Bouchut, duvidando se «*la tete tombée dans le panier du bourreau aurait encore à elle deux minutes pour penser à la vie q'on lui enlève.* (72)

---

(68) Dr. H. Friedenthal — *obra cit.*
(69) Egon Fiedell — *Das letze Gesicht*
(70) Maurice Maeterlinck — *La mort*
(71) H. de Vilhena — *Do bem e do belo*
(72) E. Bouchut—*Obra cit.*
¿E as experiências audaciosas do Dr. Tchechulin, mantendo, em cabeças de

biblioteca

¿Que poderiam pensar estas cabeças degoladas?

Fantasias ou sonhos, assim documentados, não nos envergonhe tê-los. Felizes os que sonham a consolação de ir *além* da *outra* morte, «*ka la morte secunda nol farrá male* (73) segundo S. Francisco de Assis, embora já seus olhos não vejam o sorriso céptico dos positivos. «*To die, to sleep... Perchance to dream*» (74) Talvês o trágico enorme haja razão...

---

cães decapitados, «*the fundamental functions of the brain, especially the reflexes, quite distinct for from 3 1/2 to 4 hours after the head had been severed.*»?

O problema da revivificação do organismo morto, diz o Dr. Tchechulin, «*with the victorious march of modern science, it should be regarded, not as a scientific phantasy, but as a conceivable and practicable endeavor, capable of realization, perhavs, in the very near future.*» (Dr. S. J. Tchechulin — *Is It Possible to Revive the Dead Organism?* in *The Bloodless Phlebotomist*, 1929

(73) S. Francisco de Assis — *Canto do Sol*

(74) W. Shakespeare — *Hamlet*

bibRIA

bibRIA

Nota final

Quando entrei carreando materiais para êste pequeno estudo agora remodelado — destinado então a tese de doutoramento a apresentar à Faculdade de Medicina de Coimbra (reforma de 1911) — entrava o ano de 1926 e o último do meu curso médico. Não havia, então, nenhum trabalho português sôbre o assunto e como fosse difícil, no burgosinho universitário do Mondego, obter os documentos necessários, eis-me expondo ao Mestre Henrique de Vilhena, então Reitor dos mais ilustres da Universidade, o meu plano em elaboração, logo rogando seu empenho para aquisição, no Instituto de Medicina Legal de Lisboa, das fotografias ou máscaras — que por certo não deixaram de ser feitas (*) — dos mortos de 19 de outubro e de Sidónio. Guardo, do favor do Mestre, a carta que transcrevo:

8-VII-926

Meu prezado Amigo

Recebi a sua estimada carta de 18-VI, e bem assim o seu livrinho — Baladas para um certo olhar — que muito e muito lhe agradeço...

O Dr. Azevedo Neves, director do Instituto de Medicina Legal, disse não ter as fotografias que o meu Amigo desejaria. Ainda acreditei que a do Sidónio já estivesse publicada em trabalho scientífico; informou que não.

Mas talvês na colecção do A B C português, onde vieram artigos sôbre o Sidónio e teem vindo outros sôbre mais individualidades, se possa deparar com alguma daquelas gravuras, assim como nos jornais (Século e Notícias) ao tempo dos respectivos acontecimentos trágicos. Veja, se faz favor, na Biblioteca da Universidade, as ditas colecções.

Faço todos os votos pelo bom termo dos seus trabalhos académicos.

Aceite as minhas lembranças da melhor estima e de toda a simpatia.

(a) *Henrique de Vilhena*

Envelhecera, pois, de quatro anos o meu trabalho, quando em julho do corrente ano de 1930 surge a conferência do ilustre prof. Dr. Azevedo Neves, em Bruxelas, sôbre «*a máscara do cadáver*». Eis porque me defendo, apontando a primazia cronológica que me assiste, não vá qualquer alembrar-se de que *onde estão galos de fama, que vão pintos lá fazer.*

Outubro de 1930.

(*) Agora sei que efectivamente se fizeram: Num jornal recentíssimo, o *Arquivo Nacional*, aparece uma fotografia de Machado Santos no necrotério (estraordinária!)

Em março de 1928, depois de concluido o meu trabalho, também a *Ilustração* publicou, devido à pena de João de Sousa Fonseca, um artigo sobre o assunto, porém sem intenção científica. De igual modo tenho conhecimento de ter aparecido, após, em qualquer jornal, um artigo semelhante, como aquêle meramente literário.

BIBLIOTECA

TRADUCÇÕES

Nota 1—¿Atè què ponto é a morte uma coisa infeliz?

Nota 2—Em frente dum cadáver, o homem mais forte, o espírito mais positivo não podem furtar-se a uma certa perturbação; a própria fera interroga de olhar inquieto, o cadáver da sua cria.

Nota 3—Que é, com efeito, a morte, e como defini-la, pois que não conhecemos nada dêste outro profundo mistério que se chama a vida? A morte é a negação da vida. A filosofia não tem outra fórmula para nos dar. A ciência tambèm è impotente para definir fisiológicamente tanto a vida como a morte: nós só conhecemos a vida pelas suas manifestações e olhamos como tendo deixado de viver todo o sêr emquem estas manifestações desapareceram.

Nota 4—O espírito não aproxima nunca a vida e a morte sem as opor uma à outra. A negação da primeira arrasta necessariamente a afirmação da segunda.

Nota 5—A morte não chega duma só vez, a vida extingue-se lentamente, gradualmente, mesmo quando a morte é subita, como nós a qualificamos algumas vezes. Êste estado intermediário entre a vida e a morte existe sempre; é um estado normal, fisiológico, pelo qual todos passaremos ao sair desta vida. Podem não estar quebrados todos os laços entre nós e aquèle que nós consideramos como já não sendo deste mundo. Não nos apressemos a não ver nêle mais do que um cadáver, isto é, uma matéria inerte e sem consciência.

Nota 6—o perigo da morte aparente é possivel mesmo quando a constatação do óbito se acompanha dum exame mèdico atento.

Nota 7—numa aldeia, à ressurreição duma rapariga que, durante três dias, apresentou todos os sinais da morte.

Nota 8—M.me de P... apresentou, durante quarenta horas, todos os sinais da morte rial, até à rigidès cadavérica. Vários mèdicos de Lyon, dos quais alguns ainda vivem, foram chamados para prestar os seus cuidados e opinaram pela morte rial. As súplicas duma das irmãs da pretensa defunta fizeram atrazar os últimos preparativos fúnebres. Durante êste tempo a morta ressuscitou.

Relato do Dr. Laborde na sua obra: O sinal automático da morte: A 10 de agosto de 1859, estando de serviço, fui chamado de fóra para um homem que, segundo os termos do enviado, «acabava de ser encontrado morto num campo dos arredores». Fiz observar que, visto que se tratava dum morto, nada tinha aí a fazer. Entretanto, os escrúpulos dum dever a cumprir determinaram-me a ceder ao apelo que me era

biblRIA

feito. Fui introduzido na loja dum merceeiro onde se encontrava uma duzia de pessoas das quais algumas se esforçavam por *manter* numa cadeira o corpo dum indivíduo que escorregava e caía obstinadamente, pelo próprio peso, e tinha todas as aparências dum cadáver: palidês da face, lividês dos lábios, semi-cerração dos olhos com passividade das pálpebras, amolecimento começante ou pelo menos sequidão da córnea, boca entreaberta e queda do maxilar inferior, refrigeração da pele, principalmente nas estremidades, lividês das unhas, etc. tudo no exterior e objectivamente anunciava a morte. O pulso era completamente ausente ou, pelo menos, impercetível em toda a extensão acessível das artérias radiais, braquiais *carótidas* e *femorais*. A mão, fortemente aplicada sôbre a região prècordial, não recebia o menor movimento e à auscultação, era-nos impossível obter o menor ruído *definido*, tanto na região cardíaca como em toda a extensão da parede torácica. O ouvido, muito tempo aplicado sôbre a parede torácica anterior esquerda, percebia unicamente uma espécie de murmúrio confuso e profundo não tendo aliás nenhum dos caracteres dum ruído cardíaco, mesmo anormal. Este murmúrio não se produzia ou pelo menos, não era percetível quando se fazia intervir o estetoscópio.

Convencido de que a morte era um facto neste homem sôbre o qual não tinha, de resto, nenhuma espécie de esclarecimento, dei o conselho de fazer proceder às constatações legais pelo Comissário da Polícia e ia retirar-me quando me veio à ídeia experimentar uma sangria.

Pratiquei-a no lugar de eleição, no braço direito; feita extensamente a picada, vi aparecer algumas gotas de sangue muito escuro, viscoso e *quente*; fricções repetidas sôbre o trajecto das veias do antebraço fizeram sair algumas gotas ainda. Fosse qual fosse, aos meus olhos, o significado dêste facto de muito mínima importância na realidade, puz aí não sei que pressentimento que me determinou a fazer transportar o corpo para o serviço da enfermaria, o do meu saudoso mestre, o Dr. Léger. Tenho a louvar-me desta determinação pois que o doente, eu poderia dizer o *cadáver* foi chamado à vida.

Nota 9 — Nada, no entanto, se opõe ao seu despertar completo; algumas observações mesmo tendem a fazer acreditar que a consciência e o ouvido podem conservar-se durante êste estado de sôno.

Nota 12 — se alguma pessoa é morta no instante de se achar possuida dum grande ressentimento, o espírito da pessoa executada nestas condições pode facilmente tomar vingança sôbre o matador e que o último desejo ou promessa de alguém que morra de tristeza ou que se süicide, supõe-se geralmente dotado dum poder sobre-natural.

Nota 15 — ... que Allah sentará à sua direita, em jardins magníficos, dum explendor e duma imensidade que eles não poderiam imaginar.

Nota 16 — ... da árvore de Zakun, cujos frutos queimam os lábios e a garganta e teem o gôsto da semente do aloés. Sofrerão um suplício doloroso...

Nota 17 — dormem sôbre espinhos, julgando chegar à felicidade pelo caminho da morte.

Nota 18 — recompensa ou punição, depois da morte, das boas-obras ou dos crimes praticados durante a vida.

Nota 19 — Abandono o sujo albergue do meu corpo, argamassado de carne, ensanguentado, coberto duma pele repugnante... e por recompensa vou enfim dormir no mais profundo do absoluto, no Aniquilamento.

Nota 20 — ... o rei Saul matou-se! Razias, um justo, matou-se! Santa Pelágia de Antióquia, matou-se! Dómina de Alepo e as suas duas filhas, todas três santas, mataram-se; e lembra-te de todos os confessores que corriam ao encontro dos carrascos pela impaciência da morte. A fim de a gosar mais depressa as virgens de Mileto estrangulavam-se com os cordões.

Nota 21 — Descobrir-te-hei o que tu tentavas descobrir, à luz dos archotes, na face dos mortos.

Nota 24 — a rigidès cadavérica apossa-se do corpo no próprio instante da morte, de sorte que o indivíduo conserva a posição que tinha no momento em que sucumbiu, não tendo sofrido os músculos resolução e tendo sido imediatamente imobilizados na situação que ocupavam para fazer um movimento. O mesmo fenómeno se produz nos músculos da face, de sorte que o rosto conserva a expressão que tinha durante a vida e denota a alegria, o entusiasmo, o terror, etc.

Nota 25 — nos casos de feridas mortais no baixo-ventre arrastando mais ou menos lentamente a morte, a agonia prolonga-se em intoleráveis dôres, o *fácies* dos mortos é crispado, as mãos e os antebraços cruzados e apertados sôbre o ventre, o corpo dobrado e deitado de lado. Os homens feridos no coração diz o Dr. Armando — caem e ficam do mesmo modo que os que são feridos na cabeça. Entretanto a sua morte, ainda que pronta, *não é tão instantânea* que lhes não permita uma atitude, poder-se-ia dizer *activa:* notou-se um zuavo ferido em pleno peito, deitado sôbre a espingarda que mantinha na posição da carga de baioneta; o seu rosto enérgico estava projectado para diante e *numa atitude ameaçadora.*

Não longe dêste zuavo estava um soldado de infantaria austríaco que tinha os vazos crurais do lado esquerdo cortados por uma bala; morrera de hemorragia e banhava no seu sangue. Durante a agonia, qualquer que possa ter sido a sua duração, ele tinha tomado a atitude de súplica; deitado de costas, um pouco à direita, tinha a face e os olhos voltados para o ceu, as mãos erguidas, os dedos entrelaçados e crispados. Parecia ter morrido a fazer uma oração. Perrier ficou bastante admirado, diz Chenu, quando, percorrendo o campo da batalha de Alma no dia imediato da ação, viu aqui e ali numerosos cadáveres russos que conservavam uma expressão de máscara e atitudes oferecendo ainda a imágem da vida. Alguns pareciam torcer-se nas angústias da dôr e do desespero, mas a maior parte tinha o ar de calma e

piedosa resignação; outros pareciam ter a palavra nos lábios e sorrir ao ceu com uma beatitude exaltada. Resulta egualmente das numerosas observações de M. Baudens, médico-principal, que depois da batalha de Inkermann vários rostos pareciam sorrir, outros estavam ainda ameaçadores. Mas de todos estes espectaculos o mais surpreendente achava-se sem dúvida na contemplação, na tarde de Magentà, do amontoado de cadáveres à beira das longas e profundas fossas que se estavam cavando para os sepultar; a maior parte destes rôstos de homens exangues estavam pálidos, sem dúvida, mas não estavam lividos. Havia lá nos nossos francezes, soldados de infantaria, cavalaria, caçadores, artilharia, zuavos, tanta enérgica expressão na sua face máscula, tanta vida na morte, se pode falar-se assim, que se era tentado a gritar aos seus camaradas que cavavam as sepulturas. «Ainda não! Esperai, esperai!

Nota 26 — Como a frouxidês atinge desigualmente os diversos músculos tendo entre si uma ação antagonista, o cadáver pode conservar certas posições que definem um movimento.

Nota 27 — é somente no caso em que a arma foi empunhada fortemente durante a vida que ela pode ficar assim fixa, a rigidês cadavèrica imobilizando os músculos na posição que lhes tinha dado a contração.

Nota 28 — A contratilidade dos diversos músculos não cessa imediatamente depois da morte.

Nota 29 — depois da morte do indivíduo, a vida continua a manifestar-se, durante um certo tempo, não somente nos músculos, mas ainda em outros tecidos. Os cílios do epitélio vibrátil, os espermatozoides podem continuar a mover-se durante 48 horas e mais em certos indivíduos, principalmente nos que sucumbiram a uma morte violenta.

Nota 31 — após trinta e seis a quarenta e oito horas...

Nota 33 — no estudo minucioso da máscara mortuária de Jean Jacques.

Nota 34 — nenhum dos sinais que a morte imprime muitas vezes aos traços fisionômicos. Olhando-a, julgar-se-ia estar em presença da moldagem duma pessoa viva, cujas feições não tivessem sido imobilizadas um único instante pelo trabalho do moldador, onde o pensamento sempre atuante faz entreabrir os lábios para se manifestar pela palavra ao auditório, onde as pálpebras bem abertas deixam filtrar o claro olhar. Se, por exemplo, se examinam os olhos, aí se distingue perfeitamente a saliência natural que faz a córnea transparente sôbre o resto do globo ocular; êste pequeno pormenor contribui para dar uma espécie de intensidade ao olhar. Os lábios entreabertos deixam quasi adivinhar a lingua no interior da boca; a morte parece não ter imprimido o seu estigma fatal à máscara mortuária de Rousseau; ela tem pelo contrário, espalhada pelas feições um ar de serenidade calma e magestade; vê-se que o infortunado filósofo se livrou, para sempre, das angustias e das perturbações que o molestaram sem interrupção

durante a vida. O seu admirável génio, livre emfim dos entraves terrestres, parece raiar-lhe no rôsto.

Nota 35 — a existência dum extenso ferimento que quebra a harmonia da fronte.

Nota 36 — atordoado ao primeiro golpe.

Nota 44 — O Dr. Lubbersch, com a sua bonita cara de aflição muito pouco intranquilizada pelo sucedido, avançou até ao que havía sido Grisha, foi ajoelhar-se junto àquela cabeça *sorridente*, desatou-lhe a venda, cerrou-lhe os olhos e disse:

Acabou-se. Está morto. *Sorriso* hipocrático.

Nêste momento vivia ainda o que podia chamar-se vida do cérebro lentamente desangrado, mas isto não o observou ninguém, porque o homem morre muito mais devagar que o próprio homem quer admitir. (Arnold Zweig)

O cadáver do marquês Yorisaka Sadao tinha os olhos muito abertos. E êstes olhos, verdadeiramente, pareciam olhar ainda... olhar de frente, através da vida, olhar desdenhosamente, orgulhosamente, triunfalmente... (Claude Farrêre)

Nota 59 — do momento que a estátua é o suporte do duplo, a primeira condição a estabelecer para que êste possa adaptar-se facilmente ao seu corpo de pedra, é que ele reproduza as proporções e as particularidades do seu corpo de carne. A cabeça é, pois um retrato fiel.

Nota 60 — Peço-te que afastes um pouco essa medonha Gorgona. (A variante *Mormona* significa mesmo *papão* de meter medo às crianças)

Nota 63 — Quando começou as esculturas da igreja do Espírito Santo em Florença, só o fez sob a reserva expressa de lhe fornecerem, segundo as necessidades, modêlo vivo ou morto... e foi acusado de todos os crimes, mesmo de ter crucificado um homem e deixá-lo morrer assim para poder *reproduzir exactamente* a morte de Jesus crucificado.

Nota 65 — numa bacia de prata, sim, numa bacia de prata, certamente...

Nota 66 — em todas as épocas da arte, aliás, a pesquisa da verdade foi o objectivo dos artistas, e foi apenas por esta condição que êles atingiram o apogeu da arte.

Nota 68 — E' uma coisa completamente errónea julgar que todos os mortos dão a impressão duma tranquila, pacífica e adormecida expressão.

Nota 69 — Quem observar atentamente as máscaras deste livro poderá ter nelas sem fadiga inteiras biografias e monografias.

Nota 70 — ¿Serão os primeiros clarões duma outra existência, ou os últimos desta?

Nota 72 — Assim se tem procurado, na cabeça dos supliciados, sinais de vida; olhou-se como tais os movimentos da vista e dos lábios observados sôbre estas víctimas, o rubor do rosto de Carlota Carday insultada pelo carrasco... se a cabeça caída no cesto do carrasco teria ainda de seu dois minutos para pensar na vida que lhe tiram.

...as funções fundamentais do cérebro, expecialmente os reflexos, completamente visíveis durante o espaço de 3 1/2 a 4 horas depois da cabeça ter sido separada do corpo.

... com a marcha victoriosa da ciência moderna, isto deveria ser considerado, não como uma fantasia científica, mas como um concebível e praticável intento, capás de ser realizado num futuro talvês muito próximo. (Dr. Tchechulin).

Nota 73 — Morrer dormir... sonhar talvês.

São inéditas as figuras 3, 4, 6, 7, 9, 10 e 12 feitas sôbre fotografias do autor, e as fig. 22 e 26, tendo ficado por publicar muitas outras por demasiadas ao volume.

bibRIA

LA'PIDE DE GRATIDÃO

Ao Mestre-estatuário Teixeira Lopes, escultores Costa-Mota, Sobrinho e Sousa Caldas e entalhador Carlos Carvalho (querido Amigo tão novo levado pela Morte!) que puseram à minha disposição as máscaras mortuárias de Herculano, Soares dos Reis, Mousinho, João Chagas, Junqueiro, Armando de Basto e Souza Refoios.

A João de Sousa Fonseca, jornalista ilustre a quem devo as reproduções de muitas das restantes.

Ao Dr. Gomes Madahil, a quem devo a reprodução fotográfica da aguarela de Rousseau

Ao escultor Diogo de Macedo a quem devo a fotografia do seu bronze admirável.

E ao Prof. Dr. Aarão de Lacerda, Mestre distintíssimo a quem devo a oferta do livro de Friedell e as melhores palavras na noite de 10-IV-931

biblRIA